

EDITORIAL

Peixe Frito e a retomada da Asas da Palavra, uma ‘nova’ revista e seus instigantes voos

*Já há muita Academia
Neste Pará tão bonito.
Mas há uma, curiosa:
De jeito bem singular-
É esta: a do “Peixe Frito” !*

*Ao sol, à chuva, ao luar,
Uns Poetas a criaram:
Com muita verve e bom gosto
-nome próprio do Pará:
Chegaram para inovar!
Um foi Bruno de Menezes
E outros: tantos e tantos
Que é difícil relembrar.*

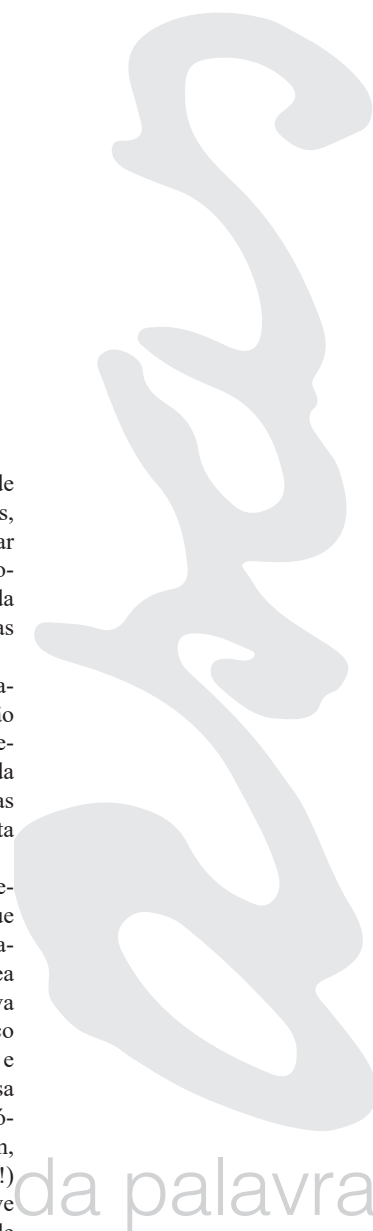
*E não ficou no passado.
Fica o dito e o não dito:
O nome da Academia,
Que até parece gozado,
Que eu digo, e até me agito:
É este: do PEIXE FRITO !*

Marília Tereza Menezes (A ACADEMIA DO PEIXE FRITO - fragmentos)

A **Asas da Palavra** de certo modo nasceu – poder adâmico? – sob as bênçãos de Guimarães Rosa e Caetano Veloso, refiro-me à escolha do nome (embora os seus inspiradores, nem um nem outro escritor tenha tido oportunidade, motivos óbvios, de ler sequer um exemplar da Asas). Em 1993, ela nascia com a elevação da Unespa à categoria de Universidade, ‘promoção concedida’ pelo MEC, quando nossa instituição passou a denominar-se Universidade da Amazônia – UNAMA. Nascidas juntas, Universidade e sua publicação, a Asas da Palavra, elas caminharam juntas, todo e parte, continente e conteúdo.

Nossa revista, que, a despeito das qualificações das agências de fomento (os malfadados critérios de escolha e hierarquização das revistas acadêmicas por ranquingue – opinião pessoal – são questionabilíssimos), impôs-se como revista temática e meio de difusão, sobretudo, dos autores da Amazônia (mas não só) e ganhou respeitabilidade entre os estudiosos da nossa cultura. Assim, a Asas da Palavra fez (e a partir de agora voltará a fazer) história entre as ‘revistas culturais’ publicadas pelas IES da Amazônia brasileira principalmente quando o trata de literatura, tão carente de espaços divulgadores nas universidades.

Lembro-me, como se fosse hoje, numa antiga sala do departamento de Línguas e Literatura e coordenação de Letras da UNAMA, Célia Jacob (a grande mentora de mais este filho que ali nascia), Sergio Sapuchay da Silva (chefe do DLL), Josse Fares (titular da cadeira de Literatura Brasileira), e eu nos unimos diante de um sonho que constituía também uma tarefa hercúlea (lembre-se de que não havia previsão orçamentária nem recurso previsto no PAT para a nova publicação), tarefa a que convocamos uma aluna preciosa, Veridiana (que não tem parentesco com nossa atual colega e coordenadora de curso), que, articuladíssima, arregaçou as mangas e procurou, através de patrocinadores, coletas e rifas, angariar recursos para concretizar a nossa revista. A ideia da professora Célia era fazer uma surpresa aos nossos superiores da reitoria e pró-reitorias, quando da cerimônia de oficialização da nossa instituição como universidade. Bem, nascido o filho, propusemos uma humilde (humilde mesmo devido ao raquitismo do volume!) homenagem a Eneida, autora de Banho de Cheiro, nossa cronista querida; o projeto visual teve capa minha e da professora Célia; eu que, diga-se de passagem, tinha deixado a ocupação de gráfico na editora e gráfica Mitograph, de propriedade de Carlos Roque. O que posso recordar é que tudo foi, de certo modo, feito às pressas... Após seu lançamento, algo pairava no ar, até que a revista receberia a adesão de alguns colegas da UFPA, dentre os quais me lembro de José Arthur Bogéa (que naquele momento vivia entre a UFES e a UFPA, e que publicou resenha de



da palavra

VOL. 15 | N. 1 | JUL. 2018

ISSN 1415-7950

página inteira no jornal Diário do Pará) e Silvio Holanda, os mais assíduos em nossas primeiras investidas editoriais. Desde então fomos melhorando o projeto, aperfeiçoando-o e a ele se acoplaram colegas como Rosa Assis, Amarilis Tupiassu, Graça Salim, Francisco Cardoso, José Guilherme Castro, Lucy Teixeira, Socorro Cardoso, Elaine Oliveira, Nilza Melo e Silva, Julia Maués, entre outros. E, ainda os colegas da UEPA, que também passaram a ser parceiros nesta empreitada, com destaque a Josebel Akel Fares e a Renilda Bastos, para citar dois nomes mais presentes.

E eis que Asas da Palavra completou 20 anos, e logo depois, crises em pauta, deixou de ser publicada por alguns semestres (nossa proposta inicial era a semestralidade). Quando a UNAMA foi adquirida pelo grupo SER Educacional renovaram-se nossas esperanças de a Asas retomar seu rumo. É preciso dizer ainda que por proposição do NDE de Letras, via proposta de Célia Jacob, foi criado, no âmbito do CONSEP/CONSUN, em coirmandade dos cursos de Artes Visuais e Comunicação Social, processo que teve os professores Alda Cristina Costa, Marisa de Oliveira Mokarzel e Paulo Jorge M. Nunes como relatores e propositores de uma grade curricular, o mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura. Era o ano de 2009. Nos fins de 2016, já sob a administração do grupo SER, a então coordenadora do mestrado de Comunicação, Linguagens e Cultura, professora Analaura Corradi, com o apoio irrestrito da professora Betânia Fidalgo Arroyo, coordenou o processo de retomada das revistas acadêmicas – Asas da Palavra (ligada ao antigo CCHE) e Movendo Ideias (de responsabilidade do CESA) –, que, a partir de então, passariam a ligar-se, com nova feição, mais adequada aos ditames editoriais da CAPES, ao Programa de Pós-Graduação de Comunicação, Linguagens e Cultura – PPGCLC. Para dar concretude ao projeto de ressurreição editorial, agora com formato eletrônico, Analaura designou os doutorandos Cristiane Mesquita, Carolina Venturini e Wellingson Reis, para aglutinarem esforços no sentido de trazerem à luz a nova Asas da Palavra, agora com a maioria completada. Valorosos, os doutorandos responderam à altura a todos os desafios de, fase a fase, fazer renascer nossa revista, assim como também a Movendo Ideias, que foi ao ar no início de agosto, sob a supervisão do professor Leandro Lage, atual coordenador do PPGCLC, e de Veridiana Valente Pinheiro, coordenadora do curso de Letras da UNAMA. Após ter feito este pequeno histórico, ocupo-me agora deste número que traz o dossiê literário sobre a Academia do Peixe Frito, grupo de intelectuais modernistas paraenses, que é estudado em projeto de pesquisa interinstitucional, que é coordenado pelos professores Paulo Nunes (PPGCLC/UNAMA) e Vânia Torres (PPGCOM/UFGA).

O texto portal do dossiê intitula-se *Negritude e Protagonismo: um peixefritano modo de ser e estar no olho do furacão da província*, escrito por Paulo Nunes e Vânia Torres, elaborado, portanto, a quatro mãos, texto que elucida didaticamente algumas particularidades da APF que, segundo seus autores, “pouco a pouco, transformou-se em um grupo que possibilitou a democratização de oportunidades para os que habitavam nos arrabaldes de nossa cidade, fugindo da “geografia de oportunidades” de uma elite social, econômica e política, seringalistas e/ou comerciantes, elite privilegiada (por vezes branca ou embranquecida) da Belle Époque”. Trata-se, por assim dizer, de um roteiro didático aos iniciantes na temática. A revista segue seu curso com *Singularidade poética* em Bruno de Menezes e Leopold Sédar Senghor: *negritude e religiosidade*, no qual Mariana Janaina dos Santos Alves, da UNIFAP/UNESP, apresenta reflexões críticas e algumas considerações teóricas sobre os aspectos de religiosidade e da negritude que perpassam Toiá Verequê, do livro *Batuque*, de Bruno de Menezes, poema interpretado a partir de postulados da literatura, dos estudos culturais e da Antropologia, segundo as perspectivas teóricas de Bosi (2010), Ferretti (1996/1997) e Ribeiro (1995).

O terceiro texto é de autoria de Marcos Valério Reis, professor da FIBRA, doutorando do PPGCLC/UNAMA, e denomina-se *Bruno de Menezes, um percurso do reinventor do Peixe Frito*. Marcos, neste estudo, enfatiza aspectos formadores do intelectual orgânico que foi Bruno de Menezes, e seus modos de encarar sua tarefa de agente modernizante. Bruno, segundo o ensaísta, “vivenciou na poética e na política experiências que lhes permitiram contrapor-se à imagem estereotipada do negro apresentada pela produção literária dominante”. Ali, também se constata a análise de “aspectos da trajetória de vida do poeta negro, o processo de criação de sua produção artística, focalizando sua militância política e as relações dessa vivência com seu fazer literário”. O texto subsequente é de autoria de um pesquisador da UFPA, Edvaldo dos Santos Pereira, denominado *Academia do Peixe Frito: presença da intelectualidade no cotidiano popular*. Nele, pode o leitor observar que a Academia do Peixe Frito caracterizou-se como uma agremiação que “congregava a intelectualidade literária de Belém, cuja intenção, além do prazer proporcionado pelo ambiente, era também a observação para a criação artística, este estudo volta-se ao *Ver-o-Peso*, visto não apenas como uma feira para atividades comerciais, mas ainda o espaço onde se localizava essa Academia”. Um dos teóricos com quem o autor dialoga é o mestre Antonio Candido para enfatizar a relevância, no contexto social, da tradição cultural daquele grupo modernista e modernizante.

O próximo estudo é bastante revelador e ajuda a fixar com propriedade geoespacial



da palavra

VOL. 15 | N. 1 | JUL. 2018

ISSN 1415-7950

a movimentação dos membros da APF no chão da cidade de Belém. Trata-se de A geração do Peixe Frito e a efigie de Belém do Pará (ou academia rima com boemia, fisionomia e poesia), de autoria de 3 professoras ligadas ao projeto de pesquisa APF; tratam-se de Carla Soares Pereira (ETRB/ UNAMA), Vanda do Socorro Furtado Amin (ETRB / UNAMA) e Kátia Regina de Souza da Silva (UFPA / UNAMA). As autoras, com muita originalidade, desvelam a fisionomia perambulante dos membros do Grupo do Peixe Frito. É texto que desvia o foco dos moços modernistas, enfatizando a cidade como protagonista e testemunha das renovações culturais do grupo. O estudo a seguir traz a força do jornalismo e da crônica de um dos grandes nomes da APF: De Campos Ribeiro, ele que com sua militância e poder de observação investiu na publicação de obra ao mesmo tempo pequena e significativa. Estamos a tratar de A crônica e a cidade, na qual Alcione Nascimento e Paulo Nunes interpretam a crônica Moral e Cívica, e isto feito, demonstram como um texto documental retrata a imagem da cidade de Belém no século XX. Este estudo leva em consideração o fato de De Campos Ribeiro ter sido jornalista e participado efetivamente da organização sindical de sua categoria, bem como das renovações do Modernismo paraense e, desta feita contribuído com a cultura da moderna cidade que os acadêmicos projetaram.

Segue-se o curso da leitura com Amanda Maia Furtado e Maria da Luz Lima Sales, ambas do IFPA, que discorrem sobre Libânia, aquela que tem ‘boca de quem comeu cristão’ e os pés fincados no chão em Belém do Grão-Pará. As pesquisadoras pautaram-se na análise literária de Belém do Grão-Pará, enfatizando a instigante personagem, que se equilibra nas tensões entre a servidão e o protagonismo. Apoiam-se as autoras em Antonio Candido, Beth Brait, Ivone Veloso e Paes Loureiro para destrinchar o processo de denúncia deste romance de Dalcídio Jurandir, um dos participantes bissextos, mas nem por isto menos importante, da APF. Um personagem pouco falado no grupo do Peixe Frito ocupará, a partir de agora, as páginas do dossiê de nossa revista; trata-se de Jaques Flores, que será estudado pela professora Ana Selma Barbosa Cunha, da SEDUC-PA/FCC/PPGCLC-UNAMA, num elucidativo ensaio sobre as narrativas da antologia de textos de 1947, denominada Panela de Barro, de Jaques Flores, a partir da crônica “Vamos comer peixe frito?”. A autora busca compreender a força da realidade local de Belém, com seus tipos humanos, suas crenças e costumes, dentre as quais está o costume de “comer peixe frito” ou em casa ou nas feiras e mercados; afora esta observação da representação social, o estudo ajuda a entender o motivo deste grupo de intelectuais receber tal nome. Enfim, trata-se de um ensaio-homenagem a Luís Teixeira Gomes, nosso Jaques Flores. Os três textos que fecham este dossiê dizem respeito a Dalcídio Jurandir Assimetrias de poder: gênero, classe e etnia em Dalcídio Jurandir, de autoria de Joanna da Silva, professora da UFAM e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Nele, a autora debruça-se sobre a condição e a representação feminina no contexto sociocultural da Amazônia paraense no início do séc. XX, a partir da leitura crítica da obra Três casas e um rio (1958), destacando o protagonismo da personagem negra dona Amélia, eleita personagem central da discussão, e sua condição de subordinação e marginalização presente na narrativa. O antepenúltimo texto traz duas crônicas, de autoria de José ‘Marajó’ Varela, um estudioso do Pará e de sua cultura. Varela, funcionário da Comissão Demarcadora de Limites do governo brasileiro, foi um dos responsáveis para que a memória da APF não caísse no esquecimento. Ele foi uma das pessoas mais colaborativas e, como tal, abasteceu o projeto de pesquisa homônimo, ainda em curso, com seu depoimento e orientação constantes. Em nome dele, Varela, um decano da cultura paraense, agradecemos todos os que colaboraram com este dossiê. Mas, este número da revista Asas da Palavra não poderia encerrar de modo mais empolgante. O último texto traz uma entrevista de Alcione Nascimento com a professora Vânia Torres, da FACOM/PPGCOM-UFPA. Nela, a professora e pesquisadora, aqui destacada como diretora de um ‘curta didático’, revela seus pontos de vista sobre o documentário Grupo do Peixe Frito, que ela roteiriza e dirige junto com Paulo Nunes e leva a cabo com todo o grupo de estudantes e professores envolvidos na pesquisa que acontece faz 2 anos. Vânia foi entrevistada por sua ex-aluna e orientanda de graduação, Alcione Nascimento. Vale conferir, na entrevista, mais esta ação propositiva do projeto de pesquisa Academia do Peixe Frito: interfaces literatura e jornalismo.

Disto isto, é hora de encerrarmos este editorial, que se inclina também a colaborar com a construção de um memorial da revista Asas da Palavra, necessário memorial para que nossa história não se esmaça e evapore. Vida longa à revista Asas da Palavra; que ela se envolva em longos e instigantes voos pelas searas de nossa cultura, literatura, estudos.

Belém do Pará, agosto de 2018.

Paulo Nunes



da palavra

VOL. 15 | N. 1 | JUL. 2018

ISSN 1415-7950